

UMA VIDA DE INADEQUAÇÕES: MARIA FIRMINA DOS REIS E SEU CARÁTER SUBVERSIVO NA SOCIEDADE OITOCENTISTA MARANHENSE

Jéssica Catharine Barbosa de Carvalho

Graduanda de Letras – Português pela
Universidade Federal do Piauí (UFPI)
jessi.catharine@hotmail.com

Alcione Corrêa Alves

Professor Adjunto do departamento de Letras
da Universidade Federal do Piauí (UFPI)
alcione@ufpi.edu.br

RESUMO: No presente trabalho procuramos analisar a trajetória literária de Maria Firmina dos Reis, uma escritora maranhense que se destacou na imprensa da província no século XIX. A produção da escritora é composta por um romance, *Úrsula* (1859), dois contos publicados em jornais maranhenses, *Gupeva* (1861) e *A Escrava* (1887), além de um livro de poesias intitulado *Cantos à beira-mar* (1871) e diversos poemas, charadas e composições musicais conhecidas na localidade em que vivia. A obra de Maria Firmina foi durante vários anos esquecida da tradição literária brasileira, no entanto, desde a década de 1970 sua produção está sendo resgatada, expandindo-se, desse modo, os estudos acadêmicos em torno da autora e seus escritos. Neste estudo, destacamos sua importância como escritora, mas também apresentamos o caráter subversivo da mulher e professora Maria Firmina dos Reis, expondo o contexto histórico-social em que atuou, bem como as adversidades que a sociedade patriarcal impunha para sua atuação nessas três vertentes de análise de sua trajetória. Como aporte teórico utilizamos os trabalhos de Moraes Filho (1975), Mendes (2013), Mendes (2006), Duarte (2004), entre outros. **Palavras-chave:** Maria Firmina dos Reis. Mulher. Escrita feminina.

RESUMEN: En este estudio se analizó la trayectoria literaria de Maria Firmina dos Reis, una escritora del Maranhão que se destacó en la prensa provincial en el siglo XIX. La producción de la escritora consiste en una novela, *Ursula* (1859), dos cuentos publicados en periódicos del Maranhão, *Gupeva* (1861) y *A Escrava* (1887), y un libro de poesía titulado *Cantos à beira-mar* (1871) y varios poemas, adivinanzas y composiciones musicales conocidos en la ciudad en la que vivía. La obra de Maria Firmina fue olvidado durante varios años la tradición literaria brasileña, sin embargo, ya que el 1970 su producción está siendo rescatada, ampliando los estudios académicos sobre la autora y sus escritos. En este estudio, se destaca su importancia como escritora, sino también presentamos el carácter subversivo de la mujer y profesora Maria Firmina dos Reis, exponiendo el contexto histórico y social en el que trabajaba, y las probabilidades de que la sociedad patriarcal impone por su actuación en estas tres áreas de análisis de su trayectoria. Como aporte teórico, utilizamos el trabajo del Moraes Filho (1975), Mendes (2013), Mendes (2006), Duarte (2004), entre otros. **Palabras-clave:** Maria Firmina dos Reis. Mujer. Escritura femenina.

INTRODUÇÃO

Maria Firmina dos Reis nasceu em São Luís no dia 11 de outubro de 1825, teve várias participações sociais no decorrer de sua vida, como escritora romancista e professora de primeiras letras, além de apresentar-se como mulher, mulata, criada em uma família em que predominavam as mulheres e, portanto, possuidora de uma gama de vivências que corroboram para a criação de uma posição política, que pode ser externada em suas obras.

Conforme Evaristo, “o texto, com o seu ponto de vista, não é fruto de uma geração espontânea. Ele tem uma autoria, um sujeito, homem ou mulher, que com uma ‘subjatividade’ própria vai construindo a sua escrita, vai ‘inventando, criando’ o ponto de vista do texto” (EVARISTO, 2009: 18). Maria Firmina dos Reis imprimiu o que defendia e vivenciava em suas produções, aliado a um ponto de vista que marca sua obra dentro do contexto da literatura afro-brasileira.

Neste trabalho, expomos algumas informações necessárias à compreensão da obra da romancista. Moraes Filho, no livro *Maria Firmina: fragmentos de uma vida* (1975), expõe fatos importantes, alguns necessários para a compreensão da produção da escritora, como sua atitude ao recusar ser, a pedido de seus familiares, transportada de palanquim para receber sua nomeação como professora de primeiras letras, em 1847, afirmando que “negro não é animal para se andar montado nele” (MORAES FILHO, 1975: [s.p]). Além disso, a vida da escritora foi marcada por diversas atitudes audaciosas, como a criação de uma escola mista, e a intensa participação na imprensa maranhense, publicando diversas poesias e contos em jornais do período.

Tudo isso corrobora para uma escrita engajada, regada da demonstração de uma posição política externada por meio de suas produções, em que se destacam, por exemplo, a figura do negro escravizado ou do índio vítima da colonização europeia no Brasil. Assim, buscamos compreender o ponto de vista trabalhado pela escritora em suas obras a partir da análise de sua trajetória como professora de primeiras letras e sua participação na imprensa maranhense do período oitocentista.

A ATUAÇÃO DE MARIA FIRMINA DOS REIS COMO PROFESSORA

Há diversos autores que focalizam em seus trabalhos os diversos aspectos que

circulam a vida e produção de Maria Firmina dos Reis, Moraes Filho, através da compilação dos escritos da romancista, oferece extenso material de pesquisa, no entanto, é importante ressaltar que muitos dos documentos que pertenciam a Maria Firmina dos Reis foram roubados, e até hoje nunca foram encontrados fragmentos importantes que ajudariam na compreensão de toda a produção da escritora. Outro trabalho de destaque em relação à vida da maranhense é o de Luiza Lobo (1993), que através dos escritos compilados por Moraes Filho, em especial um *Álbum de Lembranças*, traça características íntimas e estilo literário de Maria Firmina dos Reis.

Em análise dos espaçados registros desse material, constata-se que a escritora passou a maior parte de sua vida habitando a cidade de Guimarães em uma família predominantemente feminina, morando com a avó, a mãe, uma irmã e uma prima; ainda teve como companhia algumas crianças adotadas, permanecendo solteira. O *Álbum* é repleto de imagens tristes, que demonstram uma vida cheia de sofrimentos, desse modo, “o tom que domina o *Álbum* é o elegíaco e, dentre as lamentações, encontram-se dados que nos permitem concluir que a vida de Maria Firmina foi árdua e solitária.” (MUZART, 2013: 251). O tom melancólico marca todas as passagens, mesmo aquelas que transmitem notícias agradáveis para a escritora. O sentido deste livro, Maria Firmina dos Reis revela em alguns trechos:

O álbum é o livro da alma; é nele que estampamos os nossos mais íntimos sentimentos, os nossos mais extremos afetos; assim como as mais pungentes dores de nossos corações.

E também o nome daquelas pessoas que nos são gratas, que nos transpiram simpatia que nos cobram sincera amizade deve escrever-se aqui. (REIS *apud* MORAES FILHO, 1975: [s.p])

Desse modo, alguns dos temas mais recorrentes são viagens de pessoas queridas, nascimento de crianças, aniversários e casamentos de amigos que vão para longe. É muito presente a atitude de resignação perante esses acontecimentos, que com o passar dos anos tornam-se mais comuns. Maria Firmina dos Reis clama no *Álbum* pelo Deus cristão, pedindo misericórdia e o término de tantas dores que afligem sua existência. Destacam-se também os trechos em que a escritora saúda a morte, pedindo para que ela seja leve aos amigos queridos que partiram, sempre afirmando que os que já não estão no plano terrestre saíram do sofrimento e esquecimento das dores humanas a caminho de um lugar eterno, o Paraíso cristão. A desilusão com a própria vida e o clamor pela morte também é tema presente no *Álbum*, demonstrando o sentimentalismo da escritora, e mesmo seu caráter ultrarromântico.

Através dos registros encontrados, a autora revela a sua ideia sobre o Amor como um sentimento sublime e funesto, assim como externa nas suas narrativas; a concepção de morte como libertação de uma vida terrena regada de sofrimentos; a construção de paisagens e sentimentos sombrios, que a identificam com o sentimento expresso nas produções góticas; deixando claro também sua fragilidade e a pouca instrução escolar recebida, que teria gerado consequências na sua forma de ver a vida.

O comportamento acanhado de Maria Firmina dos Reis afirma ser fruto da educação que recebeu, em trecho de seu *Álbum de Lembranças* destaca essa característica: “De uma compleição débil e acanhada, eu não podia deixar de ser uma criatura frágil, tímida, e por consequência melancólica: uma espécie de educação freirática veio dar remate a estas disposições naturais”(REIS apud MORAES FILHO, 1975). Mesmo diante disso, tornou-se a primeira professora concursada, ganhando assim o título de Mestra Régia, pelo qual era conhecida na região da vila de Guimarães.

Levando-se em consideração a vivência da autora como mulher e escritora em meio à sociedade patriarcal maranhense, nota-se as dificuldades que ela pode ter enfrentado ao colocar-se no ambiente letrado, tipicamente masculino. Avaliando o nível educacional relegado às mulheres no período, conclui-se que a oportunidade era oferecida a poucas e ilustres personagens que hoje podem fazer parte da história da nossa literatura. Ademais, destacamos que durante o período em que participou ativamente na imprensa a escritora publicou textos nos jornais *O Jardim das Maranhenses*, *O Comércio*, *A Imprensa*, *Eco da Juventude*, *Porto Livre*, *A Verdadeira Marmota*, *Federalista*, entre outros, além de participar da compilação intitulada *O Parnaso Maranhense* (1861), o que comprova seu caráter subversivo frente às normas vigentes:

Para a mulher escrever dentro de uma cultura que define a criação como dom exclusivamente masculino, e propaga o preceito segundo o qual, para a mulher, o melhor livro é a almofada e o bastidor, é necessário rebeldia e desobediência aos códigos culturais vigentes. (TELLES, 1989: 75 apud CORREIA, 2013: 6)

Em relação à educação e o trabalho como professora de primeiras letras, conforme Moraes Filho, a escritora foi a única aprovada em um concurso para professora, em 1847, na vila de Guimarães, contando então 22 anos, disputou com outras duas mulheres, conquistando o primeiro lugar. Assumiu esta profissão até 1881, quando foi aposentada do ensino público oficial.

A educação, em especial a educação feminina, é um tema presente em alguns

escritos de Maria Firmina dos Reis, a escritora parecia prezar pela educação formal, tendo colaborado para estimular a escrita entre mulheres no período. No prólogo de *Úrsula* a escritora tece desculpas aos críticos e leitores de sua obra, que aparece acanhada em meio à vasta produção literária maranhense no século XIX:

Não a desprezeis [Úrsula], antes amparai-a nos seus incertos e titubeantes passos para assim dar alento à autora de seus dias, que talvez com essa proteção cultive mais o seu engenho, e venha a produzir cousa melhor, ou quando menos, sirva esse bom acolhimento de incentivo para outras, que com imaginação mais brilhante, com educação mais acurada, com instrução mais vasta e liberal, tenham mais timidez do que nós (REIS, 2004: 14).

A seu modo, Maria Firmina dos Reis endossa uma discussão que já se fazia presente na província maranhense naquele período em relação à educação das mulheres. Segundo Mendes (2013), existiam no Maranhão poucas escolas que se dedicavam a instruir as mulheres do período, na instituição escolar, as disciplinas cursadas defendiam a visão de que a mulher devia ser educada apenas o suficiente para tornar-se boa esposa e mãe, desse modo, o ensino restringia-se a comportamentos morais e prendas domésticas necessárias à manutenção do lar. Sendo algo difícil, ou mesmo raro, encontrar mulheres dispostas a tornarem-se escritoras, adentando a um meio em que sofreriam preconceitos, pois, assumindo este ofício, estariam colocando em segundo plano o papel socialmente imposto a elas.

Às mulheres da primeira metade do século XIX, a instrução oferecida era quase exclusivamente voltada para a economia doméstica, não havendo espaço para o aprendizado de um ofício externo ao lar. O que diferenciava a instrução destinada às mulheres e aos homens é o fato de que a estes o ensino visava ao desempenho de uma profissão. A mulher, como precisava ser boa mãe e esposa, para que cuidasse bem de seu marido e educasse seus filhos dentro da moral patriarcal e cristã, esperava-se apenas que fosse bem educada e instruída de forma a desempenhar corretamente os afazeres domésticos. O homem era entendido como o provedor da família, já a mulher deveria cuidar, exclusivamente, da educação dos filhos, da economia doméstica e organizar de forma precisa o bom funcionamento do lar (MENDES, 2013: 27-28).

Exceção à regra, Maria Firmina dos Reis tornou-se escritora e, como dito anteriormente, participou ativamente da imprensa maranhense, mesmo vivendo distante da capital. Como forma de colaborar com o ensino na região de Maçaricó, a escritora fundou em 1880, aos 55 anos, uma escola mista gratuita na região, conforme Moraes Filho, um grande avanço para a época. A escola funcionou durante dois anos e meio, e

contou com diversos alunos, todos instruídos por Maria Firmina dos Reis.

Como professora de primeiras letras, Maria Firmina dos Reis atuou durante 34 anos, deixando de servir possivelmente por conta de complicações na saúde frágil. Em arquivo do jornal *Publicador Maranhense* de 1880, a escritora é personagem de uma audiência na qual era pedida uma licença de um ano, justificada por uma inflamação no fígado que Maria Firmina dos Reis sofria há cerca de um ano (Cf: *PUBLICADOR MARANHENSE*, n. 40, 10 fev. 1880: 2). Além disso, seu afastamento ocorre devido à avançada idade e conclusão dos anos de serviços como funcionária pública.

A ESCRITORA MARIA FIRMINA DOS REIS

Como escritora, *Úrsula* foi a primeira publicação da maranhense, incentivada por alguns jornais do período, Maria Firmina dos Reis tornou-se conhecida e através dos seus escritos editores estimulavam maior participação das mulheres na imprensa. Desse modo, a escritora continua participando ativamente da imprensa local, publicando poesias e em 1861, o conto *Gupeva*, com temática indianista, no jornal literário *O Jardim das Maranhenses* (Cf: *O JARDIM DAS MARANHENSES*, n. 25, 13 out. 1861: 1-2). Com o sucesso alcançado, o conto é republicado no *Porto Livre*, em 1863 (Cf: *PORTO LIVRE*, n. 68, 9 fev. 1863: 3), e no *Eco da Juventude*, em 1865 (Cf: *ECO DA JUVENTUDE*, n. 14, 12 mar. 1865: 3-7), com algumas alterações vocabulares e pequenas modificações estruturais.

No mesmo 1861, Maria Firmina dos Reis também participa da compilação de poemas intitulada *O Parnaso Maranhense*, na qual se destaca pelas poesias imaginativas e delicadas. Em uma crítica publicada no jornal *A Imprensa*, a impressão de leitura gira em torno das poesias produzidas pelas mulheres, em que o crítico elogia as produções e promove a reflexão acerca da educação parca relegada as mulheres, diferente do que estava ocorrendo em diversos países da Europa, onde as mulheres já haviam adquirido o direito a uma educação elevada a um nível mais intelectual e produziam trabalhos de maior mérito e qualidade:

Entre nós, porém, a educação propriamente intelectual para meninas, é nula e vã. Quando muito, ensina-se-lhes um pouco de geografia e de francês, algumas lições de piano e canto, e assim que elas tem ligeiramente tocado nessas matérias declara-se vedado tudo o mais, e

começa-se na caçada ou procura de um marido. [...] No Parnaso Maranhense, [...] os versos de Maria Firmina dos Reis indicam uma imaginação cheia de vivacidade da parte da autora; muita leitura e gosto, e o doce perfume dos sentimentos saídos do coração sem ensaio nem afetação. (A IMPRENSA, n. 83, 19 out. 1861: 1)

Assim, a escritora recebe elogios por sua produção, bem como o reconhecimento por adentrar no âmbito das letras, participando de uma importante publicação no cenário da poesia maranhense do período.

Ainda em relação a sua atuação como poetiza, a escritora publicou um livro intitulado *Cantos à beira-mar*, em 1871, no qual escreve diversos poemas versando sobre a natureza, o amor romântico, a liberdade e homenagens a personagens ilustres, como Tomás Antônio Gonzaga e Gonçalves Dias, além de publicar diversos poemas em jornais do período.

Alguns dos jornais que acolhiam os poemas escritos pela maranhense, rendendo-lhes elogios e admiração, eram *O Jardim das Maranhenses*, *Semanário Maranhense* e *O País*, apenas para citar alguns exemplos, todos impressos na capital maranhense, além disso, esses e outros jornais em que a escritora participou defendiam causas a favor das mulheres e dos escravizados, como *O Jardim das Maranhenses* e o *Eco da Juventude*.

Tratando do seu trabalho na prosa, *Úrsula*, sua primeira publicação, é uma narrativa dividida em Prólogo, seguido de vinte capítulos e Epílogo, contando a dramática história de amor entre a menina Úrsula, protagonista da trama, que vivia com sua mãe acamada, em uma decadente propriedade; e Tancredo, personagem que integra a narrativa também como protagonista e vive um romance com Úrsula. Outro personagem de destaque é Fernando P..., antagonista da obra, que se apaixona pela menina, formando, assim, o conflito da história, encadeado pelo triângulo amoroso que gira no primeiro plano da narrativa. Como pano de fundo do escrito de Maria Firmina dos Reis, destacamos a presença de dois importantes personagens, Túlio e Susana, sujeitos escravizados que trabalham na fazenda de Úrsula e que ganham evidência no decorrer da narrativa, e também, como salienta Muzart, por conta de uma reviravolta teórica destacam-se também nos estudos que tomam o romance por objeto de análise.¹

¹ É constante o crescimento da fortuna crítica em relação à produção literária de Maria Firmina dos Reis, em especial o seu romance, *Úrsula*. A crítica antiescravagista é um dos aspectos mais presentes nos estudos que tomam *Úrsula* por objeto de análise, mas diversos trabalhos já focalizam a obra no que concerne às características formais e a recepção crítica do romance no período de publicação, contribuindo assim para o maior reconhecimento do escrito da maranhense e maior apreciação crítica da obra. Na busca por referenciais bibliográficos sobre a obra da escritora, encontramos monografias,

Destacando os personagens negros da narrativa, o romance da maranhense promove uma denúncia da escravidão como instituição, buscando “transformar os papéis tradicionais desempenhados pelo escravo e pelo senhor” (ABREU, 2013:124), desse modo, todos os personagens negros são construídos com uma moral positiva ou atitudes que provoquem o reconhecimento da sua posição como vítimas do sistema que é denunciado, desconstruindo-se a imagem negativa do sujeito escravizada, tão presente na sociedade do período.

Já no primeiro parágrafo do prólogo do romance a autora coloca-se em lugar humilde, no entanto, como afirma Duarte (2004), mesmo desse lugar ousa propor um desafio, levando ao público um romance “mesquinho e humilde”, mesmo que o fizesse para que ele fosse criticado pelos mais ilustrados da época, o objetivo da publicação, porém, é posto logo em seguida:

Então por que o publicas? Perguntará o leitor.
Como uma tentativa, e mais ainda, por este amor materno, que não tem limites, que tudo desculpa – os defeitos, os achaques, as deformidades do filho – e gosta de enfeitá-lo e parecer com ele em toda parte, mostra-lo a todos os conhecidos e vê-lo mimado e acariciado. (REIS, 2004:13)

Assim, Maria Firmina dos Reis apresenta-se por um lado como possuidora de uma educação acanhada, induzindo, desse modo, que nada havia no livro que fosse contra os princípios sociais e morais vigentes no período, além disso, busca sensibilizar o leitor colocando-se em posição maternal frente à obra que compôs, um artifício que visava alcançar um maior público leitor, além da aceitação dos que entravam em contato com a obra da escritora. Ainda sobre o prólogo, Duarte aponta para o gesto inaugural de Maria Firmina dos Reis, que mesmo apresentando-se desse modo, promove na narrativa a reflexão sobre assuntos sociais sérios, demonstrando um comprometimento político muito a frente de seu tempo:

dissertações, teses e outras produções acadêmicas que se restringem, sobretudo, às áreas de Letras e História. Dentre os trabalhos mais amplamente divulgados destacam-se a tese de doutorado de Algemira Mendes (2006), em levantamento da presença do nome da escritora na crítica literária brasileira e estudo sobre alguns aspectos do romance *Úrsula*; as dissertações de mestrado de Juliano Nascimento (2009), que estuda a análise do discurso poético e recepção estética da obra; e Adriana Oliveira (2007), trabalhando a questão do gênero e a desigualdade social denunciada por Maria Firmina dos Reis do romance. Na área da História, destaca-se a tese de Régia Silva (2013), sobre a escravidão no Maranhão oitocentista por meio da análise de *Úrsula*; e a dissertação de Melissa Mendes (2013) em relação à representação das mulheres na obra. Diversos outros trabalhos foram e estão sendo empreendidos tendo *Úrsula* e sua escritora como objetos de análise, sobressaem-se ainda os estudos de Zahidé Muzart (2013), Luíza Lobo (1993; 2011), Eduardo de Assis Duarte (2004; 2008), Maria do Socorro Monteiro (2009), José Abreu (2013), entre tantos outros.

Com seu gesto – sob muitos aspectos inaugurais – Maria Firmina dos Reis aponta o caminho do romance romântico como atitude política de denúncia de injustiças há séculos arraigadas na sociedade patriarcal brasileira e que tinham no escravo e na mulher suas principais vítimas. (DUARTE, 2004: 268)

A crítica iniciada nessa parte do livro estende-se para toda a obra, em que em torno da história principal, surgem denúncias em relação ao papel relegado às mulheres e aos negros na sociedade patriarcal. Desse modo, Maria Firmina dos Reis inova e entra para o âmbito das letras de modo positivo, mesmo que tenha inicialmente omitido o seu nome da obra que havia escrito, apresentando-se com o pseudônimo “Uma maranhense”, ainda assim, ela aparece como a primeira escritora de romance de cunho abolicionista no Brasil. Conforme Monteiro,

Ao publicar *Úrsula*, Maria Firmina dos Reis desconstrói uma história literária etnocêntrica e masculina até mesmo em suas ramificações afrodescendentes. *Úrsula* não é apenas o primeiro romance abolicionista da literatura brasileira [...] mas é também o primeiro romance da literatura afrobrasileira, entendida esta como produção de autoria afrodescendente, que tematiza o assunto do negro a partir de uma perspectiva interna e comprometida politicamente em discutir a condição dos negros no Brasil daquele século e também destes tempos de hoje. (MONTEIRO, 2009: 362)

Assim, é através deste romance que Maria Firmina dos Reis inaugura sua carreira literária; e além disso uma nova perspectiva de desenvolvimento da temática da escravidão nas criações literárias brasileiras.

Além do romance *Úrsula*, a escritora publica também, como mencionado anteriormente, os contos *Gupeva* e *A Escrava*. *Gupeva*, um conto com temática indianista, começa a ser publicado na edição vinte e cinco do jornal *O Jardim das Maranhenses*, sendo precedido no número vinte e quatro por uma nota em agradecimento à escritora, que já contribuiu para o jornal através de charadas e poesias, e é conhecida pelos leitores assíduos da publicação, que são convidados a apreciar a partir da edição seguinte este trabalho de Maria Firmina dos Reis.

Existe em nosso poder, com destino a ser publicado em nosso jornal um belíssimo e interessante ROMANCE, primoroso e distinto trabalho de nossa comprovinciana, a Exma. Sra. D. Maria Firmina dos Reis, professora pública da vila de Guimarães; cuja publicidade, tendencionamos dar princípio do n. 25 em diante.

Garantimos ao público a beleza da obra; e pedimos-lhe a sua benévola atenção. A pena da Exma. Sra. D. Maria Firmina dos Reis já é entre nós conhecida; e convém muito animá-la, a não desistir da empresa encetada. (O JARDIM DAS MARANHENSES, n. 24, 30 set. 1861: 1)

Como prometido, no número seguinte, a publicação vai para o jornal com o título *Gupeva – Romance Brasiliense*, narrando o encontro de duas raças que fundaram o Brasil, a europeia e a indígena. O subtítulo registra a originalidade do escrito e a autoria por uma brasileira, não uma tradução. A narrativa é marcada pela brevidade, descrição de uma natureza exuberante e a tentativa de construção de uma identidade nacional por meio da criação de imagens que caracterizam o lugar de origem. Assim como em *Úrsula*, onde Maria Firmina destaca o negro em seu aspecto positivo e bondoso, em *Gupeva*, a escritora irá construir a imagem do índio honrado e bom.

No meio dessa narrativa evidentemente trágica, Maria Firmina constrói uma imagem interessante de mulher indígena e de pátria/mátria que é, afinal, a nação brasileira que se forma na pena desses poetas românticos também. Trata-se de um “romance brasiliense” que tem, ao nosso entender, a tentativa de construir uma narrativa épica para a formação de nossa pátria/mátria nação (SILVA, 2013: 02).

Desse modo, o romance, apesar de se diferenciar de *Úrsula* em relação à temática, aproxima-se por tratar de uma minoria social do país, construindo uma ideia de identidade nacional, valorização de povos e culturas marginalizadas e denúncia contra o colonizador europeu.

Outra produção conhecida da escritora maranhense é o conto *A Escrava*, com temática antiescravagista, publicado em 1887, um ano antes da abolição da escravatura no Brasil, no jornal *A Verdadeira Marmota*. O conto encadeia diversas narrativas, possuindo uma heterogeneidade de vozes enunciando a história. Inicialmente, a trama se concentra num ambiente luxuoso, em meio a uma festa da aristocracia, em que os convidados conversavam, entre outros assuntos, sobre o “elemento servil”, o que provocou variadas opiniões e discussão no salão.

Em meio a tantas opiniões surge em destaque a de uma senhora “sinceramente abolicionista” questionando os presentes como, já naquele século, alguém poderia alimentar um pensamento escravocrata, nutrindo um sistema que contrariava o progresso moral, cívico e econômico do país, naquele momento o único em toda a América que ainda vivia sob a instituição escravista. Já naquele período rebaixar o negro e colocá-lo como pertencente a uma raça inferior não fazia sentido, afinal, com a imensa quantidade de africanos no país, poucos eram os que não possuíam em suas veias o sangue do negro vindo da África.

A partir deste momento, esta mesma senhora narra um triste acontecimento na

localidade próxima de onde habitava, em que encontrou uma negra escravizada foragida, em prantos e lamentos pelo destino que a perseguia, e um jovem rapaz filho desta negra, que a procurava para protegê-la contra o feitor que ia atrás dela para espancá-la. Vendo aquela situação, a senhora ajuda os dois indivíduos, primeiramente para salvar a vida da escravizada e depois para acalmar o rapaz que entrava em desespero por conta do estado de sua mãe, machucada fisicamente e desnorteada. Todo o conto é permeado por críticas contra a escravidão, como a seguinte, em que a mulher reconhece o risco em ajudar os negros conforme a lei vigente:

Eu bem conhecia a gravidade do meu ato: - recebia em meu lar dois escravos foragidos, e escravos talvez de algum poderoso senhor; era expor-me à vindita da lei; mas em primeiro lugar o dever, e o meu dever era socorrer aqueles infelizes. Sim, a vindita da lei; lei que infelizmente ainda perdura, lei que garante ao forte o direito abusivo, e execrando de oprimir o fraco. (REIS, 2004: 257)

Toda a história é contada ainda na perspectiva adotada por Maria Firmina dos Reis algumas décadas antes, no romance *Úrsula*, no entanto, os argumentos antiescravagistas voltam-se para um pensamento mais social, destacando o mal que a escravidão trazia para o país, afirmando o negro como vítima desse sistema, e enfatizando a crueldade dos defensores dessa cadeia que ainda perdurava no Brasil.

Maria Firmina dos Reis, além do romance e do conto centrado na temática da escravidão, dedica-se também à composição de músicas, entre as quais destacaremos neste trabalho o *Hino à liberdade dos escravos*, composto por ocasião do 13 de maio de 1888:

Salve Pátria do Progresso!
Salve! Salve Deus a Igualdade!
Salve! Salve o Sol que raiou hoje,
Difundindo a Liberdade!

Quebrou-se enfim a cadeia
Da nefanda Escravidão!
Aqueles que antes oprimias,
Hoje terás como irmão. (REIS, 2011: 55)

Neste trecho do hino, destaca-se o tom de felicidade expresso pela escritora ao cantar o fim da instituição escravista. Na primeira estrofe, ao citar a “Pátria do Progresso” ressalta o caminho que o Brasil iria percorrer agora que já não estava sob o julgo do sistema, que envergonhava o país frente a outras nações que já haviam abolido a prática; retoma ainda a crítica já iniciada no conto *A Escrava* (1887) no qual a

escritora lança mão do discurso que indicava o sistema escravocrata como um atraso ao progresso econômico e moral do país.

No verso seguinte, Maria Firmina dos Reis destaca o discurso cristão, já empregado em *Úrsula*, que coloca todos os seres humanos, independente da raça ou origem, como irmãos, filhos de um mesmo Deus, não devendo, portanto, serem os negros subjugados ou concebidos como inferiores. Assim, conforme a moral cristã, não deveria haver esse direito a propriedade do escravizado pelo senhor, havendo a “noção de que a instituição da escravidão impossibilitava a prática da moral cristã”. (CHALHOUB, 2003: 166)

Ao citar o “sol que raiou hoje”, no terceiro verso, a escritora enfatiza o momento de trevas ocorrido no país por conta da escravidão, mas que cessara naquele momento com a abolição e difusão da liberdade aos cativos. Na última estrofe do hino, percebe-se uma espécie de alívio, pois “enfim” o sistema havia sido revogado, e o negro africano e seus descendentes, antes oprimidos e subjugados, seriam agora reconhecidos por lei e possuindo os mesmos direitos dos outros sujeitos que formavam a sociedade oitocentista.

Desse modo, Maria Firmina dos Reis demonstra a posição que defendia na sociedade maranhense do período, destacando a crueldade da instituição escravista e o retrocesso que o sistema trazia para o país.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através de sua participação na imprensa maranhense, Maria Firmina dos Reis destacou-se como escritora durante longo período, e promoveu a reflexão em relação ao papel das mulheres na sociedade e também em relação à sua educação, que no final do século XIX passou a ser questionada numa tentativa de modificação da constante inferiorização do sexo feminino, afirmando-se a necessidade de uma melhor instrução escolar, e incentivo à produção e publicação de textos.

Maria Firmina dos Reis participou deste processo na medida em que procurou publicar seus poemas, contos, charadas, composições musicais e um romance, recebendo incentivo em diversos jornais. Além disso, contribuiu com a sua atuação como professora de primeiras letras, alcançando reconhecimento entre os moradores da Vila de Guimarães. Mesmo um pouco distante da capital, sempre demonstra estar bem

informada sobre os acontecimentos da região, bem como em relação ao que ocorria dentro do meio literário, seja no Brasil, ou mesmo em outros países, Mendes (2006: 19) afirma que a autora era autodidata, tendo aprendido o francês o suficiente para ler e escrever fluentemente.

Desse modo, podemos perceber a grande atuação de Maria Firmina dos Reis nos mais diversos âmbitos da sociedade maranhense, o reconhecimento do seu trabalho pelos moradores da região de Guimarães do período, e mesmo após a sua morte, demonstra bem a importância da mestra régia, mulher e escritora Maria Firmina dos Reis, mesmo tendo sido durante muitos anos esquecida dos estudos literários tanto no estado quanto nacionalmente, como aponta Mendes na sua tese; e esquecida não apenas no que concerne à sua atuação no âmbito das letras; a escritora morreu em 1917, aos noventa e dois anos, pobre e cega na casa de uma ex-escrava, mãe de um de seus filhos de criação, restando apenas a lembrança das transformações que tentou empreender na sociedade em que vivia. Além disso, no dia em que é celebrado mais um ano de seu nascimento é comemorado o dia da mulher vimarense.

O endosso às discussões acerca do papel social da mulher presente em sua obra trazem temáticas para discussões atuais, destacando-se que nem todos os costumes da sociedade patriarcal foram deixados para trás, sendo muito presente na sociedade atual a inferiorização do trabalho feminino, mesmo quando digno de reconhecimento, como foi o caso da produção de Maria Firmina dos Reis.

REFERÊNCIAS

ABREU, José António Carvalho Dias de. *Os abolicionismos na prosa brasileira: de Maria Firmina dos Reis a Machado de Assis*. 2013. Tese de doutoramento – Faculdade de Letras. Universidade de Coimbra. Coimbra, 2013.

CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis: historiador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CORREIA, Janaína Santos. Maria Firmina dos Reis, vida e obra: uma contribuição para a escrita da história das mulheres e dos afrodescendentes no Brasil. *Revista Feminismos*. Vol.1, n.3. set.-dez. 2013. Disponível em: <<http://www.feminismos.neim.ufba.br/index.php/revista/article/viewFile/27/71>>. Acesso em: 10 fev. 2015

DUARTE, Eduardo de Assis. Posfácio. In: REIS, Maria Firmina. *Úrsula*. Florianópolis: Editora Mulheres; Belo Horizonte: PUC Minas, 2004. p. 265-281.

EVARISTO, Conceição. *Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade*. Scripta, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, 2º sem. 2009, p. 18.

LOBO, Luíza. Auto-retrato de uma pioneira abolicionista. In:_____. *Crítica sem juízo*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993, p. 222 – 238

MENDES, Algemira Macedo. *Maria Firmina dos Reis e Amélia Beviláqua na história da Literatura Brasileira: representação, imagens e memórias nos séculos XIX e XX*. 282f. 2006. Tese (Doutorado em Letras). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2006.

MENDES, Melissa Rosa Teixeira. *Uma análise das representações sobre as mulheres no Maranhão da primeira metade do século XIX a partir do romance Úrsula, de Maria Firmina dos Reis*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Maranhão. São Luís, 2013, p. 25.

MORAES FILHO, José Nascimento. *Maria Firmina: fragmentos de uma vida*. São Luís: COCSN, 1975.

MUZART, Zahidé. Uma Pioneira: Maria Firmina dos Reis. *Muitas Vozes*, Ponta Grossa, v. 2, n. 2, p. 261-275, 2013.

REIS, Maria Firmina dos. Hino à liberdade dos escravos. In: FARIA, Antônio Augusto Moreira de; PINTO, Rosalvo Gonçalves. *Poemas brasileiros sobre trabalhadores: uma antologia de domínio público*. Belo Horizonte: Editora Viva Voz, 2011. p. 55.

REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula; A escrava*. Florianópolis: Editora Mulheres; Belo Horizonte: PUC Minas, 2004.

SILVA, Régia Agostinho da. *Maria Firmina dos Reis e seu conto Gupeva*. In: III Simpósio de história do Maranhão oitocentista. São Luís. Anais... São Luís, 2013.

Fontes hemerográficas:

LICENÇA. *Publicador Maranhense*. São Luís, ano 39, n. 40, 10 fev. 1880, p. 2

O JARDIM DAS MARANHENSES. *O jardim das maranhenses*, São Luís, ano 1, n. 24, 30 set. 1861, p. 1.

REIS, Maria Firmina. Gupeva. *O Jardim das Maranhenses*. São Luís, ano 1, n. 25, 13 out. 1861.p. 1-2

REIS, Maria Firmina. Gupeva. *Porto Livre*. São Luís, ano 2, n. 68, 9 fev. 1863, p. 3.

REIS, Maria Firmina. Gupeva. *Eco da Juventude*. São Luís, ano 1, n. 14, 12 mar. 1865, p. 3-7.

FOLHETIM. *A Imprensa*. São Luís, ano 5, n. 83, 19 out. 1861, p. 1.

